

Quem vive a minha vida?

(Excerto do livro “Uma gota de silêncio”, de José Carlos Corrêa Cavalcanti, a lançar-se dia 03/junho/17)

Sonhei com uma fantástica película muito fina e transparente, onde estavam grudadas todas as emoções da mente humana, adquiridas ao longo da experiência em milhões de anos.

Por artes do sonho eu podia ver tudo com clareza, desapaixonadamente. E via que sensações de todos os tipos também estavam lá, junto com frustrações, tédios, os mais medonhos terrores, as mais intensas alegrias e dores, ganhos e perdas, todos os deuses e demônios, todas as culpas e mágoas e ressentimentos e arrependimentos, ciúme, acolhimento e desprezo, solidão e cruel abandono, carinho e violência, todos os méritos e deméritos, todas as ideologias e crenças, todos os discursos e sutis raciocínios, enfim: tudo estava colado ali, naquela película imaterial, cujo nome era “eu”.

E esse “eu” não existia por si só: ele estava firmemente aderido à superfície de um espelho infinito que refletia os conteúdos que estavam agregados a essa tão fina pele. Porém, parecia na verdade que aquelas imagens pertenciam ao espelho! Ninguém diria haver algo separando uma coisa da outra. Então, ouvi o discurso do eu:

— *“Sofro porque tenho tudo, mas algo me falta. Sou o repositório de todos os conhecimentos e emoções; por isso, encontro em mim mesmo inúmeros motivos de felicidade, assim como motivos de intenso sofrimento. Está tudo registrado em mim e cada coisa se manifesta conforme as mudanças e os desafios, trazidos pelo tempo, vão estimulando diferentes partes de mim mesmo”.*

Nesse momento eu o interrompi, dizendo:

— Desculpe, mas será que você sabe quem você é de verdade? Porque você está apenas me descrevendo seus conteúdos, mas não sua íntima substância... não está percebendo que...

— *“Você não entende”, interrompeu o eu — “Não queira me ensinar. Eu sou muito antigo. Já quis conhecer a mim mesmo profundamente, além das aparências, saber afinal qual é minha origem e não o consegui. Concluí que sou uma unidade de bem e mal que existe no tempo, eternamente mudando e sempre do mesmo jeito. Sou autossuficiente, tenho minha consciência e é ela que não me dá trégua. Não há descanso para mim, a não ser procurar o autoesquecimento mergulhando em meus próprios conteúdos, até surgir o desejo de experimentar o prazer novamente.”*

— Mas, você não vê? Você não tem realidade em si mesmo; na verdade a consciência que reflete seus conteúdos vem do espelho!

— *“Como assim, do espelho?”, retrucou — “O espelho sou eu!”*

— O quê ?! respondi, espantado.

— *“Preste atenção”, disse ele — “com toda certeza, se esse espelho existisse fora de mim, eu já o teria percebido. Tenho poder de inteligência refinada e de raciocínios os mais sutis, e já os convoquei inúmeras vezes para tentar perceber ou descobrir uma realidade além de mim mesmo, e eles são unânimes: nada existe! Mas”, continuou o eu, “devo dizer que tenho também em mim inúmeros livros sagrados e os religiosos mais sinceros e devotados. As mensagens dos filósofos mais eruditos, dos mais profundos metafísicos e dos maiores mestres espirituais não me são estranhas. Bem me lembro, está tudo em mim! Essa cultura espiritual sim, me diz que há uma outra realidade, um descanso real para mim, uma paz verdadeira. Tudo isso já aceitei, imaginei, e experimentei. Tudo isso são partes de mim e nelas me escondo quando o desgosto de viver se me assoma desmesuradamente. Mesmo assim, sinto profundamente que me falta algo essencial”, disse melancolicamente o eu.*

Pensei comigo: como é infeliz o eu! Ele não pode ver a verdade porque isso implicaria sua dissolução, quando então todos os seus conteúdos perderiam sua referência, sem mais nada significar, pois ficariam soltos, desconectados, desenergizados, permanecendo então somente o Espelho.

Nesse momento ouvi uma voz clara e suave, que se dirigia ao eu:

— *“EU SOU o espelho que valida toda imagem que diante dele se apresenta, conferindo-lhe transitória existência. Sem mim tua própria memória, que recobre e confunde teu espírito, não existiria. Sem mim não haveria a saudade nem a tristeza que sentes pelo bem já passado; não haveria também o sentido de urgência e ansiedade que te aflige diariamente. “*

— *“EU SOU a eterna bem-aventurança. Para mim são igualmente desprovidos de significado o bem e o mal, a alegria e a dor, o verdadeiro e o falso. Todos os juízos, preferências e aversões se refletem em mim, e assim ganham realidade; mas todos são enganosos e fugazes. Perante mim tais sentimentos vêm com suas cargas e ganham sua efêmera existência ao serem refletidos, mas não me tocam e nem deixam rastros. Entre eles, porém decorre tua vida em luta eterna e vã.“*

— *“Ignoras que é graças a mim, o espelho autoexistente, eternamente perfeito e intocado, que podes perceber qualquer coisa. Eu sou a fonte de tua percepção, sou eu quem reflete os conteúdos com os quais te identificaste.“*

Ao que o eu respondeu:

— *“Desconheço o que me separa de ti. Será esta sede de viver e experimentar sempre e sempre a grande aventura da manifestação, impregnada de prazer e dor? De tudo isso já me cansei, entretanto, e agora quero a paz verdadeira. Que devo fazer? Como poderei me unir a ti? Em mim estão todas as tuas imagens, crenças e práticas que, segundo os sábios e santos, me religariam a ti. Devo focalizar nelas minha energia, desprezando os outros conhecimentos?“*

Achei que as palavras do eu eram tocantes; havia nelas o sentimento de intensa dor, e de uma busca real. Mas o Espelho respondeu:

“Esse não é o caminho de tua libertação, ao contrário: é onde mais te iludes e de mim mais te afastas! Saiba que a distância que te separa de mim é da espessura de uma ideia apenas: livra-te dela! Eu te projetei de mim mesmo; és a minha face na manifestação, porém decaíste ao julgares ter recursos próprios, te identificares ao corpo e te concentrases nas imagens, conteúdos e significados acumulados em muitas experiências. E assim, quando me olhas, só vês essas imagens que te emocionam e trazem múltiplas sensações — e imaginas, em teu maior engano, que é a mim que afetam essas coisas por mim mesmo refletidas!”

“Ai dos inadvertidos, aos quais os reflexos suplantam o próprio espelho e este passa por inexistente! Como resultado, nunca tens contato direto comigo e pensas a ti mesmo a partir dos voláteis conteúdos refletidos, que têm a marca dos juízos de valor que crias constantemente. “Criaste uma prisão interior difícil de perceber, e nela encerrado te consideras livre! De onde surgirá, portanto, a energia para romperes tuas amarras?“

Nesse momento despertei, assustado. Então, inquieto, perguntei a mim mesmo: que significará esse sonho?

Porém, estando ainda com sono, virei de lado e dormi de novo.
